

A tragédia de Brumadinho: (des)montando um quebra-cabeça estrutural

Diego de Oliveira Souza

[Doutor em Serviço Social. Professor do PPGSS-UFAL
Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca]

Desde o dia 25 de janeiro de 2019, o foco da maior parte das discussões no Brasil tem sido a tragédia de Brumadinho (MG). Matérias e postagens de diversas naturezas procuram debater, entender e denunciar essa tragédia criminosa, ocorrida em meio às atividades de mineração da Vale. Pretendemos contribuir para esse conjunto de textos, pois o impacto à vida humana e ao meio ambiente (o que provocará mais impactos à vida humana a médio e longo prazo) é de proporção ainda incalculável e, portanto, demanda um debate extensivo, exaustivo e com cada vez mais rigor. O tema da nossa coluna, nesse mês, não poderia deixar de discutir essa tragédia, mas também alertar para a necessidade do debate se tornar orgânico!

A lama de rejeitos de minério que soterrou, afogou e arruinou vidas, também abriu uma “ferida” na história desse país que talvez nunca sare. A situação consiste em absurdo ainda maior porquanto, há pouco mais de 3 anos, uma tragédia parecida ocorreu em Mariana/MG (05 de novembro de 2015). Pior: esse tipo crime tem sido frequente no mundo, tendo ocorrido 67 vezes entre 1940 e 2010, sendo 33 a partir de 1990 (ver matéria de Bruno Vaiano em <https://super.abril.com.br/ciencia/acidentes-com-barragens-sao-um-problema-mundial-e-recorrente-que-esta-piorando/amp/>).

As tragédias desse tipo, quando ocorrem, provocam um debate revestido de indignação e lágrimas.

Reivindicamos fiscalização e marcos regulatórios mais rígidos e até questionamos a forma como se transforma a natureza. Todavia, entre uma tragédia e outra, voltamos ao nosso cotidiano burguês ante uma força de dominação abstrata (Marx chamou de alienação) que inunda nossa cultura, nosso processo de individuação e direciona nossas relações sociais. Assim, continuamos compondo, de modo geral, o conjunto de engrenagens que perpetuam o processo do qual essas tragédias são expressão.

O debate se esvai e o pseudoconforto do horizonte de vida burguesa tenta compensar as lágrimas e a indignação.

Mal percebemos que o processo (do qual essas tragédias representam episódios mais agudos) continua a degradar e matar diariamente, mas nem sempre com tanta evidência e repercussão.

Sua natureza é crônica, estrutural, está enraizada na forma como o sistema do capital produz e reproduz a vida.

Imersos no cotidiano, apenas damos a devida atenção que esse processo suscita quando dos seus episódios agudos.

No entanto, precisamos dar substância ao debate, tensionar esse cotidiano com uma discussão mais profunda e de caráter duradouro.

A busca pelas raízes do que tem acontecido com a natureza, seja nos grandes desastres envolvendo mineradoras, seja em tantos outros exemplos (desmatamento, poluição, acúmulo de lixo etc.) exige ultrapassar as discussões legalistas, políticas e culturais, ainda que elas sejam importantes. Esses aspectos não podem continuar a ser fragmentos de um quebra-cabeça que tem suas peças-chave ignoradas. O pano de fundo do quebra-cabeça só é revelado com todas as peças encaixadas.

A peça central desse quebra-cabeça está na dinâmica inerente ao modo de produção capitalista. Esse sistema só se reproduz através da acumulação de riqueza (na forma de capital), o que demanda produtividade (e lucratividade) sempre crescente; isto é, não basta produzir mais do que foi produzido ontem, é preciso produzir proporcionalmente sempre mais em relação ao que já se tem acumulado.

O capitalismo só pode ser assim, essa é a sua lei geral!

Tal condição implica uma grande anarquia produtiva (agravada pela concorrência) assim como a consubstanciação de ideias, valores, costumes, conhecimentos, leis etc. que legitimem e naturalizem essa insanidade. Obviamente, essa lógica “neurótica” só poderia resultar na degradação da natureza, de onde são retirados os objetos de trabalho transformados em riqueza.

Olhando o processo a partir dessa peça-chave, não é difícil perceber que outras peças (problemáticas da sociedade) estão organicamente associadas, a exemplo da desigualdade social (que só tem aumentado: 42 pessoas concentram riqueza equivalente à metade da população mais pobre; cf. <https://g1.globo.com/economia/noticia/super-ricos-ficam-com-82-da-riqueza-gerada-no-mundo-em-2017-diz-estudo.ghtml>) e

destruição da saúde (os próprios mineiros representam categoria entre as mais acometidas por acidentes e doenças ocupacionais). O direcionamento da produção às necessidades do mercado (logo, à acumulação), em detrimento das necessidades humanas gera destruição da natureza, desigualdades e degradação da saúde todos os dias, mas só nos damos conta disso quando, por exemplo, a lama inunda nossas mentes e corações.

Penso que a indignação que agora sentimos precisa ser transformada em postura ativa e radical (no sentido de ir às raízes) contra a forma de produzir da qual a problemática ambiental é corolária.

Isso requer tecer as conexões entre os diversos fenômenos sociais, unir as peças do quebra-cabeça, perceber sinais silenciosos, desvelar elementos propositalmente escondidos e conferir um caráter duradouro e profundo ao debate. Para além do fato em si, precisamos enxergar seu pano de fundo e transformá-lo! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.